

VARIAÇÕES FONÉTICAS E SINTÁTICAS EM NARRATIVAS DO ALMS

Adriana Viana POSTIGO

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

RESUMO

Com a realização desta pesquisa, as narrativas propostas pelo questionário do ALMS (Atlas Lingüístico do Mato Grosso do Sul), aplicamos princípios teóricos e metodológicos da Geolinguística e da Sociolinguística, buscando descrever e analisar parte da realidade lingüística sul-mato-grossense de dois pontos lingüísticos do Estado.

ABSTRACT

With this research, taking as database the narratives of the questionnaire of the ALMS (Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul), theories and methodological principles of the Geolinguistics and of Sociolinguistics were applied. The main purpose was to describe and analyze part of the linguistic reality of two linguistic points of the Mato Grosso do Sul state.

PALAVRAS-CHAVE

variação, fonética, sintática

KEYWORDS

linguistic variation, phonetics, syntax.

1. Introdução

Este trabalho visa à descrição e análise de aspectos fonéticos e sintáticos, de parte da realidade lingüística sul-mato-grossense, com base em dados coletados nas localidades de Bandeirantes e Rochedo, pertencentes à rede de pontos lingüísticos inseridos no ALMS (Atlas Lingüístico do Mato Grosso do Sul). /172

Os dados foram obtidos a partir das narrativas propostas pelo questionário do ALMS. Foram estudados os aspectos que seguem:

- i. alteamento de vogal;
- ii. vocalização da lateral;
- iii. substituição de [L] por R;
- iv. concordância verbal;
- v. *ter* por *haver* em construções existenciais.

As divisões dialetais no Brasil são menos geográficas que socioculturais, como afirma Paul Teyssier (2001: 98):

As diferenças na maneira de falar são maiores, num determinado lugar, entre um homem culto e o vizinho analfabeto que entre dois brasileiros do mesmo nível cultural originários de duas regiões distantes uma da outra. A dialetologia brasileira será, assim, menos horizontal que vertical [...] Os estudos científicos a respeito desses diversos níveis de língua são ainda insuficientes. Além disso, as mutações rápidas ligadas à urbanização e à industrialização tornam a realidade atual particularmente instável.

Segundo Da Hora e Machado (2006: 55), linguagem e sociedade estão ligadas entre si, como podemos verificar:

Toda língua é o produto da comunidade de fala a que corresponde, ou seja, a língua é decorrente do uso que uma determinada sociedade faz. Assim, compreende-se que uma língua não é propriedade de um indivíduo, mas constitui um fenômeno social e cultural e, como tal, é um fenômeno dinâmico, não estático, variável, que evolui com o passar do tempo.

A importância dessa investigação tem por base o que diz Oliveira e Isquerdo (2003: 51): /173

Vê-se que são várias as situações e condições linguageiras e sobre elas, devido à extensão territorial e às diversas influências estrangeiras, além da contribuição indígena, há necessidade de perscrutações que favoreçam um conhecimento sistemático e científico.

A realização do trabalho teve como objetivos verificar e analisar as diferentes construções fonéticas e sintáticas, em sentenças das narrativas do questionário do ALMS.

2. Metodologia

De acordo com o procedimento metodológico do ALMS, foram inquiridos quatro informantes de cada localidade, de acordo com os seguintes grupos de fatores: gênero (masculino e feminino), faixa etária. (18 a 30 anos e 45 a 70 anos), grau de instrução (analfabeto ou ter cursado até a quarta série do ensino fundamental) e naturalidade

(nascidos e/ou moradores da localidade desde os oito anos de idade).

As entrevistas foram gravadas, com duração média de três horas, e copiadas em CDs para maior segurança dos dados. Utilizamos dois tipos de ficha, uma sobre o informante e outra sobre a localidade.

Os dados foram transcritos grafematicamente e descritos em tabelas com percentuais e variantes extralingüísticas. Paiva (2003: 135) ressalta a importância da fidedignidade na transcrição dos dados da fala, que é [...] transpor o discurso falado, de forma mais fiel possível, para registros gráficos mais permanentes, necessidade que decorre do fato de que não conseguimos estudar o oral através do próprio oral".

Para efeito de codificação das variáveis com suas variantes, classificamos todos os informantes como:

- i. informantes: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8
- ii. sexo: m (masculino), f feminino
- iii. faixa etária: a. I faixa etária, b. II faixa etária
- iv. localidades: b. Bandeirantes, r. Rochedo /174

3. Variações fonéticas

Foram computados 1.096 vocábulos, ilustrados sem transcrição fonética para efeito de melhor compreensão da sequência lingüística. Examinemos, pois, os dados fonéticos encontrados nas narrativas do questionário do ALMS.

3.1. Alteamento de vogal

O alteamento vocálico consiste no levantamento do som de uma

vogal mais baixa para uma mais alta, como por exemplo, a realização de [e], média de segundo grau para [i], alta. É um fenômeno conhecido também como alçamento, do inglês *raising*.

As vogais fonéticas seguem uma linha venical de ordem [a ε e i ɔ o u] e tendem a formar um grupo harmônico. Quando ocorre uma aproximação em movimento crescente dizemos alteamento (ou alçamento), como e > i, e o > u.

Neste trabalho, foram encontradas 1.092 ocorrências que confirmam o uso desse aspecto fonético, comum na língua falada do Estado. De acordo com os dados, obtivemos 536 (49,8%) ocorrências de e > i, e 556 (50,2%) de o > u. Quanto à tonicidade, verificamos 448 (40,77%) monossílabos tônicos, 538 (49,26%) ocorrências em posição postônica, 85 (7,78%) em posição pretônica e 24 (2,19%) em posição tônica.

- (...) **di** verd**adi** (...) (2fab)
- (...) n**ã**u qui dá azar (...) (1 mab)
- (...) eu n**á**u acridit**u** n**ã**u (...) (2fab)
- (...) tem a arruda mes**mu** (...) (1mab)
- (...) foi **u** primer**u** present**i** (...) (6far)
- (...) quand**u** a gent**i** istudava (...) (4fbb)
- (...) **u** saci apare**ci** mes**mu** (...) (8fbr)
- (...) **u** post**i** caiu pert**u** di mim (...) (5mar)
- (...) mem**u** quand**u** é criança (...) (1mab)
- (...) **u** primer**u** a gent**i** nunca isque**ci** (...) (2fab) / 175
- (...) **u** primem namorad**u** da gent**i**, né?(...) (2fab)
- (...) porque el**i** era muint**u** ciument**u**, né? (...) (2fab)
- (...) quand**u** eu cunhe**ci** el**i** foi numa praça (...) (2fab)

(...) nóis **istudava** numa **iscolinha** (...) (3mbb) (1mab)

(...) já revi ... **elis** falava a muié sem cabeça (...) (1mab)

Os resultados atestaram que essa variação é um pouco mais atuante nos informantes do sexo feminino (52%) do que no sexo-masculino (48%).

3.2. Vocalização da lateral: substituição de [l] por [w]

De acordo com Silva (2001: 162), a consoante /l/ pós-vocálica, quando ocorre em posição final de sílaba possui duas possibilidades de realização fonética, podendo ocorrer vocalização (transformação de consoante em vogal), como:

(.) muintu difíciw(...) (3mbb)

(..) quandu eli vowtô (...) (5mar)

(..) era um morroti muintu awtu(3mbb)

(.) principawmenti pa criança andá (...) (6far)

Na análise dos dados, o gênero demonstrou que os informantes do sexo masculino detiveram o maior uso, com 60%, enquanto os informantes do sexo feminino obtiveram 40%, ou seja, uma diferença considerável de 20%.

Os resultados relativos à faixa etária apontaram informantes mais jovens (primeira faixa etária) com 67%, já a segunda faixa etária corresponde a 33%. Podemos dizer, também, neste caso, que o sexo masculino na primeira faixa etária ocorreu com 47%.

3.3. Rotacismo: substituição de [L] por [R]

De acordo com Jota (1976: 293), o rotacismo é a troca do fonema / por r. Vejamos alguns exemplos encontrados nas narrativas do ALMS que verificam a alternância /l/~/r/ /176

(...) muita gente pranta eli (...) (lmab)

(...) eu cunheçu arguma (...) (5mar)

(...) iscoradu nu barcãu né? (...) (4fbb)

(...) eu não tenhu cumu ixpricá (...) (5mar)

De acordo com os resultados obtidos, a análise da variável gênero demonstrou que os informantes do sexo masculino foram os que mais utilizaram a variação, correspondendo a 75%, enquanto os do sexo feminino detiveram 25%, ou seja, há 25% de diferença entre os gêneros.

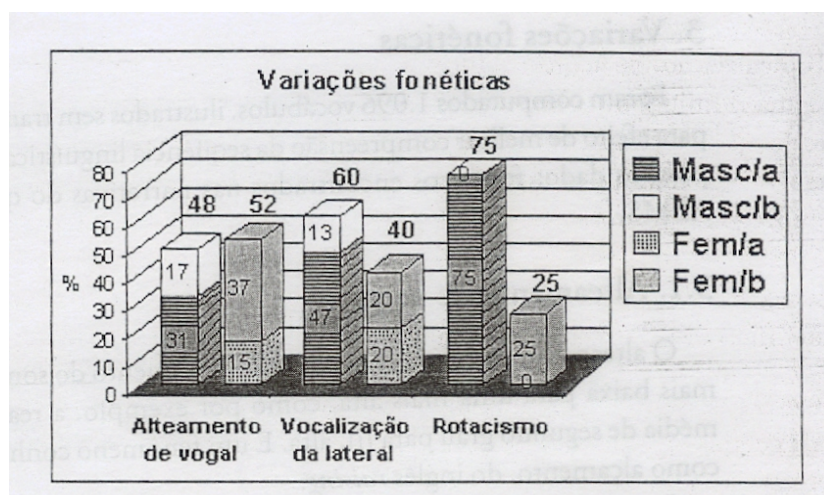
Observamos que a primeira faixa etária apresentou variação com 75%, já os informantes da segunda corresponderam a 25%.

Segundo Gomes e Souza (2003: 76), a alternância [l] ~ [r], ou rotacismo, é bastante antiga:

Há ainda evidências históricas de que os processos em questão atuaram em outro momento, tendo como resultado da mudança lingüística a substituição de [l] por [r], como em igreja (ecclesia) e brando (blandus) (...) e, em determinado momento, deixou de ser um processo de mudança e passou à condição de variação estável, conforme registrado em textos do português arcaico (...) Sincronicamente, pode-se afirmar que a variação ocorre em qualquer dialeto urbano do português brasileiro (...) e é fortemente estigmatizada.

Por fim, observamos que os fenômenos fonéticos estudados ocorrem

na fala dessas localidades e, para efeito de visualização da análise realizada, construímos o gráfico que segue: /177



A partir do gráfico, podemos visualizar melhor o quanto e como as variáveis extralingüísticas atuam na fala dos informantes sul-mato-grossenses.

4. Variações sintáticas

Com a descrição de aspectos sintáticos, pode-se verificar a estrutura lingüística. Os dados obtidos (nas narrativas do ALMS) foram considerados a partir de construções sintáticas e transcritos grafematicamente para melhor compreensão da seqüência lingüística.

/178

4.1. Topicalização

Em seu artigo "O tópico em língua escrita", Oliveira (1996: 149) já dizia que "(...) lingüistas de orientação teórica diferente, como por exemplo, Galves (1987) e Pontes (1987), têm caracterizado, tipologicamente, o português do Brasil como língua de tópico".

Na língua coloquial, não são poucas as construções de tópico e vale ressaltar que o português falado no Brasil para Galves (1998: 85) é caracterizado como TSV0 (Tópico, Sujeito, Verbo e Objeto), ao contrário do português europeu, que é SVO. / 178

Topicalização, de acordo com Jota (1976: 327), é o emprego de um sintagma nominal ou adverbial deslocado para o início da sentença. A topicalização, basicamente, pode ser do sujeito, do objeto e do adjunto adverbial. A diferença entre topicalização e deslocamento à esquerda consiste no emprego do pronome lembrete na segunda construção sentencial.

Com base no que têm afirmado esses estudiosos, examinamos as construções de tópico, nas localidades de Bandeirantes e Rochedo, realçando as identificações na modalidade falada.

Tópico do objeto:

(...) da cebola eu nã sei (...) (Mar)

(...) coru di lobu (...) eu nã sei (...) (1mab)

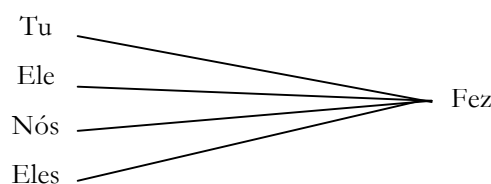
Tópico do adjunto:

(...) na ... ::sexta fêra santa apareci lubisomi (...) (8fbr)

(...) na minha infância nã mi apareceu nada (...) (8fbr)

4.2 Enfraquecimento da flexão verbal

Em se tratando deste aspecto sintático, é necessário afirmar que a justificativa tem por propósito a identificação do destinador. Observe-se:



- (...) elis falava a muié seim cabeça (...) (1mab)
- (...) diz elis tê vistu (...) (5mar)
- (...) qui elis fala né? (...) (6far)
- (...) já ... já revi (...) elis falava a muié sem cabeça (...) (1mab)
- (...) aí us irmão conTAVA (...) (2fab)
- (...) nóis istudava ... numa iscolinha (...) (3mbb) /179
- (...) nóis ía nu trieru (...) (4fbb)
- (...) elis chamava portadô, né?(...) (4fbb)
- (...) nóis tava na casa du fazenderu (...) (4fbb)

4.3 Substituição de *haver* por *ter*

No artigo "Gramática da variação ou variação da gramática?", Oliveira e Durigan (2004: 38) afirmam que a troca de *haver* por *ter* pode ocorrer com maior frequência em seqüências lingüísticas nas quais o verbo ocupa a primeira posição.

A partir dos resultados obtidos nas localidades pesquisadas, pode-se verificar que o verbo *ter* já substitui o *haver* em qualquer posição. Observe-se:

- (...) antigarnenti não *tinha* rnercadu (...) (4fbb)
- (...) aqui *tem* um neguim água (...) (6far)
- (...) *tem* mais já é di tragédia memu (...) (5mar)
- (...) *tem* um poçu ... tem um ... nu anu passadu (...) (5mar)
- (...) i aí *tinha* uns turista qui tava danu tomanu bái (...) (5mar)
- (...) podi *tê* mais alguma coisa (...) (5mar)
- (...) aqui qui *tem* um neguim água (...) (6far)

Com relação a esse fenômeno sintático, utilizado com frequência na língua falada sul-mato-grossense e brasileira, Bagno (2001: 177) afirma que "(...) pode parecer inacreditável, mas até hoje, 80 anos depois da publicação do poema 'No meio do caminho' de Carlos Drummond de Andrade, ainda existe uma campanha prescritivista contra o uso do verbo *ter* com sentido de 'existir'".

O emprego do verbo *haver*, no sentido de existir, poderá não ser encontrado no uso da norma culta, em texto escrito, ou mesmo, na sintaxe do português europeu, como bem nos mostra a narrativa de Bagno na obra citada anteriormente (2001: 37): /180

Um amigo meu, brasileiro, entrou numa loja em Lisboa e perguntou ao vendedor: "Tem filme para máquina fotográfica?" O vendedor, muito gentil, respondeu: "Ter, temos, mas não há". Meu amigo ficou confuso, e não é para menos (...) os portugueses não usam o verbo *ter* com o sentido impessoal de *haver* ...

5. Considerações finais

Em termos concludentes, sobre os aspectos fonéticos, podemos afirmar que os fenômenos ocorrem nas localidades estudadas.

Os aspectos sintáticos, por sua vez, mostram que, no português do Brasil, não é estranha a construção com tópico nas sentenças, principalmente quando se trata do movimento do objeto para o início da oração. Em relação à flexão verbal, a pluralização dos determinantes e a não alteração do verbo para concordar com o sujeito, na modalidade falada, é quase definitiva.

O trabalho, como foi realizado, poderá contribuir para conhecermos melhor a língua falada no Estado de Mato Grosso do Sul, observadas suas diferentes regiões. A despeito do que diz Moura (1995: 51), *esperamos que todos esses estudos possam contribuir para um melhor conhecimento da língua falada no país*.

Referências

- BAGNO, Marcos. *Português ou brasileiro: um convite à pesquisa*. São Paulo: Parábola, 2001.
- Da HORA, Dermeval; MACHADO, Rafaela V. Encontros e desencontros entre fala e escrita no ensino fundamental: experiência com uma variante fonológica. In: SILVA, C. R.; CHRISTIANO, M, E. A.; Da HORA, D. (Org.). *Linguística e práticas pedagógicas*. Santa Maria: Pallotti, 2006.
- GALVES, Charlotte. *Línguas e instrumentos Lingüísticos*. São Paulo: Pontes, 1998. /181
- JOTA, Zélio dos Santos. *Dicionário de lingüística*. Rio de Janeiro: Presença,

1976.

LEITE, Yonne; CALLOU, Dinah. *Como falam os brasileiros*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Org.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

MOURA, Denilda. Diversidade linguística e preconceito social. *Revista da ABRALIN*, Recife, v. 1, n. 17, p. 49-51, 1995.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). *Introdução à linguística*. São Paulo: Cortez, 2001. v. 1.

OLIVEIRA, Dercir Pedro de. O tópico em língua escrita. *Letras & Letras*, Uberlândia, EDUFU, v. 12, n. 2, jul./dez., 1996.

OLIVEIRA, Dercir Pedro de; DURIGAN, M. Gramática da variação ou variação da gramática. In: BELON, A. R.; MACIEL, S. D (Org.). *Em diálogo: estudos literários e linguísticos*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2004.

OLIVEIRA, Dercir Pedro de; ISQUERDO, Aparecida Negri. A nova dialetologia: investigações e resultados. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara (Org.). *Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7Letras/FAPERJ, 2003. p.50-54.

PAIVA, Maria Conceição de. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 33-42.

SILVA, Thais Cristófar. *Fonética e fonologia do português: roteiro de*

estudos e guia de exercícios. 5. ed. São Paulo: Contexto, 200 l.

TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. Trad. Celso Cunha. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

TRUDGILL, P. *Sociolinguistics: an introduction to language and society*, New York: Penguin, 1995. /182